

O que vemos da nossa janela quanto à leitura literária de autoria negra? o já e o ainda não

What do we see from our window regarding of literary reading by black authors? The already and the not yet

Joyce Aparecida da Silva Linard¹

Ligia Maria da Silva²

Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro Tortorelli³

Cyntia Graziella G.S. Giroto⁴

RESUMO: Este artigo reflete acerca da arena onde estão situados os estudos de autoria negra. Na pedagogia da leitura literária, elegemos como objeto um livro infantil voltado à personagem principal negra, cujo ambiente de vivência é uma favela. Pela perspectiva bakhtiniana, teceremos diálogos com a obra *Da minha Janela* (2019), de Otávio Júnior, e ilustração de Vanina Starkoff, por meio das estratégias de leitura defendidas por Giroto e Souza (2010), oportunizando conexões na produção de sentidos ao leitor, a fim de fazer perguntas e responder outras.

ABSTRACT: This article reflects on the arena where black authorship studies are located. In the pedagogy of literary reading, we chose as an object a children's book aimed at the main black character, whose living environment is a favela. From the Bakhtinian perspective, we will weave dialogues with the work *Da Minha Janela* (2019), by Otávio Júnior, and illustration by Vanina Starkoff, through the reading strategies advocated by Giroto and Souza (2010), providing opportunities for

¹ Pedagoga e Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da FFC – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP Marília.

² Mestranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP/SP (2023-2024). Faz parte dos Grupos de Pesquisa PROLEAO e LEePES.

³ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da FFC – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP Marília. Professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação de Goiás - SEDUC-GO. Membro dos grupos de pesquisa: PROLEAO E CEPLÉ.

⁴ Livre-docente em Leitura e Escrita pela Universidade Estadual Paulista (2016). Pós-doutorado em Leitura e Literatura Infantil pela Universidade de Passo Fundo (2015). Doutora em Educação pela Unesp (1999). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (1995). Pedagoga pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Marília (1992).

connections in the production of meanings to the reader, in order to ask questions and answer others.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil e humanização; Estratégias de leitura; Formação de leitores.

KEYWORDS: Children's literature and humanization; Reading strategies; Reader training.

1. Primeiras palavras

É desafiador adentrar o universo da leitura literária. Primeiro porque as políticas importam pouco. Segundo, porque ainda que haja investimento, estamos longe de ver da nossa janela uma comunidade leitora alicerçada não apenas na fluência da leitura, mas podendo atingir a compreensão na leitura e, em especial, a produção de sentido. O conceito do ato de ler é profundo e carece de estudos avançados, mesmo que alguns pesquisadores já tenham revirado toda a temática.

Para chegar a uma compreensão desse “já e ainda não”, é essencial que tenhamos em mente a dimensão de inacabamento do objeto que é a leitura. Se os mundos ético e estético estão imbricados e, em cada um vive o ser humano, segundo Bakhtin (2011, p. 395), estamos lidando com o “ser expressivo e falante”, então, a ideia de movimento e transformação prevalece. O ser da linguagem faz parte do objeto vivo das Ciências Humanas, pela heterociência, fazer uma ciência outra. Isso oportuniza a abertura de portas e janelas que jamais serão fechadas para a leitura literária como objeto de estudo ainda tão caro a pesquisadores.

Formar leitores literários torna-se um desafio. O crítico Antonio Candido (1995, p. 249) assevera que: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Diante disso, o estudo proposto advém do trabalho das nossas indagações como pesquisadoras e educadoras das teorias e



práticas acerca da linguagem, da literatura infantil e da formação do pequeno leitor. De igual forma, possuem relevância as contribuições para a ação didático-pedagógica dos professores, em especial, da Educação Básica, tendo como objetivo levar o encantamento da literatura ao mundo e a todas as infâncias como um bem cultural, social e político. Isso nos instiga a pensar numa “ânsia de liberação e a esperança de um vir-a-ser mais humanizado” (ZILBERMAN, 1987, p. 78).

Leituras, por exemplo, pelo objeto-livro ou por meio das contações de histórias orais, como os *griots* - memórias do continente africano transmitidas de gerações para gerações - acabam por aguçar em seus leitores o desejo pela leitura. Diante das narrativas dos livros, as crianças criam relacionamentos e sentimentos, diferentemente da televisão, celulares e computadores que disputam o tempo das crianças com os livros. Na literatura, a criança é capaz de entrar na cultura, de fazer perguntas, responder outras, reconhecer os significados e produzir sentidos.

Arena (2010, p. 15) acentua que “a literatura medeia a relação da criança com a cultura da sua época [...] imersa em um contexto cultural necessita desse contexto para se apropriar da cultura que encharca o gênero literário a que tem acesso”. Nesse aspecto, escritores trazem em suas obras características da sociedade onde estão inseridos, da sua cultura e do meio que se vive, contando histórias de seu povo.

Para autores negros como Cuti, Heloísa Pires de Lima, Inaldete Pinheiro, Madu Costa, Sônia Rosa, Rogério de Andrade, Eliane Debus, Josias Marinho, Elisa Lucinda, Nilma Lino Gomes, Cidinha da Silva, Joel Rufino, Kiusam de Oliveira entre outros relevantes para essa literatura, fonte de equidade e encantamento, o negro

é visto como protagonista da sua própria história. Compreender a importância da literatura negro-brasileira para as crianças é despertar sentidos, tanto nelas como nos adultos reconhecendo a si e o outro em um ato decolonial, isto é, em formato de resistência e desconstrução de preconceitos por muito tempo impostos aos povos que foram subjugados.

Nesse aspecto, ao escolher a obra de um escritor negro, da periferia do Rio de Janeiro, o qual busca em sua arte levar a literatura para sua comunidade como um grito de resistência e por mudanças tão necessárias a toda população negra, queremos insistir em dizer que a literatura deve ser ainda mais democratizada e para todos. Trata-se do livro *Da minha janela*, do escritor Otávio Junior. Sobre esse escrito fazemos uma breve análise de seus enunciados no contexto da obra por meio das estratégias de leitura discutidas por Girotto e Souza (2010).

Destacamos conforme afirma Cuti, um defensor da literatura negro-brasileira, “certa mordaça em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por sucessivas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência[...]”. Entretanto, o autor continua dizendo que “a literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado” (CUTI, 2010, p. 13).

Não se trata de percorrer os olhos da esquerda para a direita como, por vezes, fazemos, chegando ao final do texto sem compreendê-lo, sem estabelecer qualquer diálogo ou sentido com o texto lido. Isso o torna ato nulo. Girotto e Souza (2010, p. 45), asseveram que a leitura só acontecerá quando, em contato com o texto, os leitores tomarem a palavra escrita e construirão significados baseados em seus próprios pensamentos, conhecimentos e experiências.

Nessa direção, esse artigo justifica-se ao reiteramos que, mais do que a necessidade de ofertar livros para as crianças na construção e interesse pelo ato de



ler, está a demanda de ensinar a esses leitores as estratégias de leitura como possibilidade de se formarem leitores autônomos e críticos. Isso porque um dos objetivos que permeia este artigo é suscitar hipóteses para a reflexão de que a leitura não pode ser apenas decifração de signos ou uma mera operação abstrata. Ela abarca todo um sistema plerênico, aquele dotado de sentidos e que possibilita clarificar sem se deixar confundir o que vem a ser fluência leitora, leitura silenciosa, em voz alta ou oral, interpretação tão somente, mas a junção desses elementos a contribuir com o projeto pessoal do ato de ler como ato humano ensinado às crianças.

Esperamos com este artigo, contribuir para (1) a reflexão acerca da leitura literária como um bem incompressível, isto é, de primeira necessidade assim como o alimento é para o corpo, (2) a importância da literatura infantil para o estabelecimento das mais diversas trocas e diálogos na construção de sentidos, e como o ensino das estratégias de leitura torna-se um norte desses diálogos contribuindo para o ato genuíno de ler dos pequenos leitores no processo da formação de escolas de infâncias humanizadoras.

Portanto, este estudo resultou em três seções. A primeira aborda a literatura como bem de primeiríssima imprescindibilidade. Em seguida, exaltamos a importância da leitura e seus diálogos para o ato de ler e compreender. Na terceira seção, partimos para a análise da obra *Da Minha Janela* e a utilização das estratégias de leitura e, por fim, teceremos as considerações finais sem a pretensão de esgotarmos a temática tão abrangente e fundamental aos nossos dias. Para tal, contamos com o aporte teórico de autores como Candido (1995),

Bakhtin (2011), Girotto e Souza (2010), Faria (2016), Debus (2006) Jakubinskij (2015), entre outros.

2. Como anda a arena da Literatura negra na escola da infância? Um, dois, vários questionamentos

Ainda que hajam as leis n.º 10.639/2003 e n.º 11.645/2008, que obrigam a inclusão da história do negro, do indígena e seus descendentes no currículo oficial do ensino, elas podem não ser suficientes para uma consciência antirracista. Isso porque deve-se criar a necessidade de essa temática ser tratada desde a pequena infância. Talvez não por causa das crianças. Nenhuma criança nasce racista, mas torna-se. O racismo, por sua vez, é, também, cultural e disseminado até de forma inconsciente.

Nas escolas, em sua maioria, como atestam, em geral, algumas pesquisas na área da Educação, não há salas de leitura ou bibliotecas vivas. Quando há, dificilmente se vê livros literários com personagens negros, por quê? Livros são ofertados, todavia, os didáticos e paradidáticos se sobrepõem aos literários.

Os didáticos, inclusive, não raro, estão no topo com textos adaptados, utilizados como pretexto à exploração da gramática normativa ou serem usados pelos professores e respondidas as questões correspondentes, de forma igual por todos os alunos ou, ainda, para decodificar e sonorizar, verificando a fluência leitora, sem finalidade alguma com o sentido textual ou mesmo com a provocação



da sede de leitura literária no leitor. Literatura indígena então é raridade nas salas infantis.

Sobre esse tipo de livro, o prosador poético mineiro, Bartolomeu, acentua que ao chegar “a uma mesma resposta, apontando para um único ponto, o texto literário procura divergência. Quanto mais diversificadas as considerações, quanto mais individuais as emoções, mais rico se torna o texto”. (QUEIRÓS, 2005, p.171). Portanto, é interessante observar se o texto diverge ou converge o caminho do sentido e da interpretação para as infinitudes inúmeras de leitura.

As escolas, quando muito, mencionam a temática em questão no dia da consciência negra ou dia do índio. Entretanto, trabalhar datas comemorativas como vêm fazendo muitas instituições de ensino não é o suficiente. Não pode ser razoável pintar a cara da criança no dia do índio ou ensiná-la a dançar capoeira como cultura do negro. A literatura como arte é universal e consegue abarcar todas as temáticas. Assim, constatamos que ler nunca foi sobre quantidade, e sim, sobre a qualidade dessa leitura, que pode emocionar, transformar, resgatar, nutrir e humanizar.

Dito isso, é relevante voltarmos nosso olhar para a Literatura defendida por Antonio Candido (1995) como direito. Esse crítico literário propõe que ela seja “Bem Incompressível”, isto é, tão essencial quanto alimentar, vestir e proteger o corpo. Cada ser não precisa somente do pão que alimenta o corpo. Isso porque dispomos de sensibilidades e sentimentos para exteriorizar impressões, virtudes e mazelas do mundo de várias maneiras. Pelo encontro dialógico e a noção do eu-outro que vão mais adiante da linguagem como enunciado, quiçá ela penetre no Outro e o

faça passível da experiência estética como um direito na escola. É pela alteridade, na troca, nos diálogos e nas várias leituras que nos tornamos mais humanos.

O trabalho do contemporâneo Sérgio Vaz (2021), em sua obra *Literatura, Pão e Poesia* lampeja a ideia de que: “Dizem por aí que alguns sábios não estão gostando nada de ver a palavra bonita beijando gente feia”. (VAZ, 2021, p. 35). Esse autor se refere à poesia circulante na periferia de São Paulo-SP, onde ele criou a Cooperativa Cultural da Periferia, a Cooperifa (p. 7).

Não estamos mais na era do *panem et circenses* que, no latim original, quer dizer “Pão e circo”. Esse termo refere-se às migalhas ofertadas ao povo do antigo império romano distraindo a atenção da população quanto aos problemas sociais. De igual forma, é o que acontece, há tempos, no Brasil, no que diz respeito a esse tipo de política para que o povo não se subverta. Entretanto, literatura, pão e poesia é um bem a que todos deveriam ter o direito ou, pelo menos, na escola.

Não raro, a escola como instituição, em especial a pública, infelizmente, encontra-se no impasse de estar entre ser obrigada a formar “indivíduos” destinados a disputar o mercado/sociedade capitalista, onde cada um “se tornou empresário de si mesmo” no neoliberalismo, como previa Marx”, (GEGe/UFSCar, 2018, p.19), ou ser a escola tão sonhada pelo educador Paulo Freire ao reivindicar uma sociedade libertária, um lugar para se aprender, sentir, divulgar e atingir o belo pelo conhecimento e pela natureza por meio da literatura e da arte.

Diferentes pensadores trouxeram à luz a necessidade de a escola poder usar a leitura, a literatura, a arte não apenas na perspectiva de somar mais e mais saberes, mas proporcionar, por meio dela, a experiência estética no ato de ler textos literários, em especial, relacionados à literatura negro-brasileira. Na concepção bakhtiniana, a estética não está, em nenhuma hipótese, desvinculada



da ética. Isso advém da ideia arquitetônica, de forma e conteúdo integrado num todo da construção literária.

Até porque, quando falamos em literatura, referimo-nos a algo um tanto quanto subjetivo do ponto de vista da estética, da linguagem literária, da leitura dos variados gêneros textuais, enfim. Não nos preocupamos com dados quantitativos, em que a escola toda dispõe de seu tempo com os conteúdos aplicados, a fim de alcançar os altos índices numéricos no desenvolvimento das crianças em relação à leitura e à escrita exigidos pelas avaliações internas e externas. A nossa defesa nesse escrito, portanto, recai ao que concebe Petit (2008), ao atestar que a importância da leitura não pode ser avaliada.

Quando pensamos, especificamente, a Literatura, assim mesmo em maiúscula alegorizante para enfatizar a importância, pelo viés da experiência estética, a pesquisadora Eliane Debus (2006, p. 49) diz que os poetas brincam com as palavras por meio da “ludicidade verbal, sonora e musical”, tornando diferente a abordagem da leitura. Entretanto, pela “estética negra”, Debus (2017) faz referência à Literatura que reflete sobre as ações antirracistas para o pequeno leitor com narrativas voltadas às origens. Portanto, seria fantástico se todas as crianças tivessem acesso a conteúdos tão preciosos e necessários para o desenvolvimento crítico e social, passando, assim, da política do “pão e circo” para a “literatura, pão e poesia”.

A ideia é começar pelo literário sem a fragmentação oferecida pelo didático e, despretensiosamente, sem grandes obrigações de análises, de perguntas comuns e redundantes, obrigações tarefas ou pouco úteis a contribuir com o sentido do texto lido. Num primeiro momento, talvez nunca, nada de querer

estudar os dígrafos, encontros consonantais e outros conteúdos gramaticais. Tudo isso didatiza o texto, secundariza a importância da literatura.

Na seção seguinte, tentamos tecer diálogos com alguns estudiosos que defendem uma educação humanizadora por meio da leitura e seus sentidos.

3. Leitura e dialogia para uma formação humanizadora

O leitor de literatura, em contato com o livro, fará conexões com outros textos, as quais são o envolvimento das ideias presentes com as já apreendidas anteriormente, estabelecendo o diálogo entre leitor e texto, “a relação com o sentido é sempre dialógica.” (BAKHTIN, 2011, p. 327), e em “casos de total não compreensão e não percepção durante a leitura [...] continuamos a “ler”, a percorrer as linhas com os olhos, mas sem estabelecer qualquer sentido” (JAKUBINSKI, 2015, p. 92); a leitura, a compreensão, o diálogo, as trocas outras ou sentidos não acontecem. Para Bakhtin,

O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão [...] Não pode haver um sentido único (um)”. (BAKHTIN, 2011, p. 382).

Bajard (2021) acentua que, se as crianças são colocadas em contato com o livro antes mesmo de conhecer qualquer elemento do código da escrita ou de correspondência entre sons e letras, os livros de literatura tornam-se importantes aliados nas relações de diálogos e estabelecimento de sentidos. Nesse contato, despertará nos leitores um vínculo íntimo, na construção de diversos sentimentos e sensações, despertando para uma total entrega com o objeto em mãos e na sua coautoria com o texto, relacionando com aquilo que o cerca, das trocas outras, da



aproximação com outros textos e suas experiências de leituras várias trazidas pelo leitor, visto que, “ao ler pensamentos preenchem nossa mente. Nós podemos fazer conexões com nossas vidas.”(GIROTO e SOUZA, 2010, p. 45).

As crianças, ao engatinharem “sobre livros de Literatura antes de saber andar, elas têm acesso ao formato autêntico da língua escrita em funcionamento, porque encontram textos coesos em vez de palavras ou frases isoladas.” (BAJARD, 2021, p. 58)”. Tais atitudes estarão presentes no projeto de vida desses leitores. As narrações de histórias realizadas pela voz do adulto e o acesso aos livros pelas mãos miúdas permitem despertar as materialidades presentes no objeto, as experiências das pluralidades do suporte, aguçando o interesse pela literatura.

Por vezes, as crianças acabam tendo seus primeiros contatos com o objeto livro no ambiente escolar; espaços privilegiados que intensificam o contato com os livros literários, já que nesses lugares haverá o estímulo do exercício da mente, a percepção daquilo que envolve a vida do indivíduo, a relação do eu em consciência do outro, a leitura do mundo em seus vários níveis, tal como a dinamização do estudo e conhecimento da língua e da expressão verbal significativa e consciente – indispensável para a plena realidade do ser (GIROTO e SOUZA, 2016).

Entendemos que, aguçar nas crianças ainda muito pequenas o ato genuíno de ler é ter escolas de infância que valorizem as estratégias de leitura como potencializador na sua formação de leitores. Quando o professor oraliza palavras aos seus alunos e estes não as compreendem, não há leitura, porque neste ato, não há atitude responsiva diante do texto. E não havendo compreensão, não há interesse por aquilo que está sendo lido, desmotivando os alunos para a leitura; só

haverá leitura se houver as trocas daquele que lê com quem escreve, sendo o leitor parte deste diálogo.

Quanto mais os professores ofertarem materiais que o leitor possa dialogar, maiores diálogos ocorrerão não somente com o texto, mas com o mundo que o cerca, estabelecendo os diversos sentidos. Portanto, disponibilizar materiais não deve ser um ato realizado apenas para cumprir currículos escolares, sem qualquer critério de escolha, se assim o fizer, o diálogo não ocorrerá, ou ocorrerá sem qualquer sentido, uma vez que o texto literário é polissêmico, provocando nos seus leitores as mais diversas reações que podem ir desde o prazer emocional ao intelectual, além de apenas fornecer informações sobre os mais diferentes temas e assuntos, tendo em vista que o ato de ler é múltiplo, podendo o leitor ressignificá-lo de diferentes formas.

Daí a necessidade fundamental de o professor ter em mente as competências de leitura da criança, ensinando um repertório de estratégias, aumentando em seus leitores o entendimento e interesse pela leitura. Em outras palavras, é pelo conhecimento prévio que o professor instiga “a fazer conexões entre suas experiências, seu conhecimento sobre o mundo e o texto. (GIROTTTO e SOUZA, 2010, p. 55). Isso porque as estratégias de leitura, quando bem ensinadas, possibilitam que os leitores proficientes busquem as diversas conexões entre aquilo que sabem e as novas informações que encontram nos textos que leem; fazendo perguntas sobre os textos, seus autores e estabelecendo inferências durante e após lerem; visualizam e criam imagens, usando os seus diferentes sentidos para melhor entenderem; distinguem ideias importantes no texto; são experientes em sintetizar a informação; e são capazes de monitorar adequadamente o entendimento, retomando falhas na compreensão, ao



disponibilizar aos leitores livros literários com qualidade estético-literária e gráfico editorial.

Assim, o professor sendo um leitor ensinará as crianças a pensar e aprender rotinas a serem incorporadas às estratégias de compreensão, guiando-o na prática, proporcionando amplos espaços de tempo para que possam ler independentemente e praticarem a leitura aplicando as estratégias inerentes a esse processo de elaboração da compreensão entre leitor e texto e seus mais diversos diálogos, sentidos e trocas outras.

Para mais compreensão, na seção seguinte, explicitaremos o uso das estratégias de leitura - conexões; inferência; visualização; sumarização e síntese utilizando o livro *Da minha janela*, do escritor Otávio Júnior e ilustrações de Vanina Starkoff.

4. O que vejo *Da minha janela*? Contribuições das estratégias de leitura

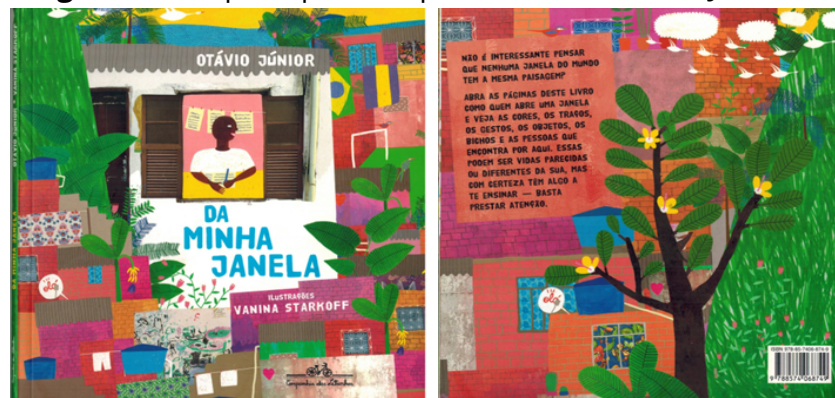
Nesta seção, fazemos uma leitura da obra *Da minha Janela*, de Otávio Júnior. Esse autor dialoga com o texto e imagina seus possíveis leitores e a forma que farão outra leitura do seu texto, sendo “um encontro de dois textos - do texto pronto e do texto a ser criado, que reage; conseqüentemente, é o encontro de dois sujeitos, de dois autores” (BAKHTIN, 2011, p. 311) permitindo os diversos diálogos. Mas, tais diálogos só serão possíveis, quando o leitor for capaz de dar sentido àquilo que tem em mãos ou quando tiver domínio e conhecimento das estratégias de leitura. Assim “professores de leitura literária deve-se, explicitamente, ensinar um repertório de estratégias para aumentar o motivo do entendimento e interesse pela leitura”. (GIROTTO e SOUZA, 2010, p. 55).

O diálogo, a seguir, parte da necessidade de ampliarmos nossas vozes na busca de compreender as mais diversas camadas existentes na obra *Da minha Janela* e a utilização das estratégias de leitura acerca do livro.

A obra publicada em 2019 é ganhadora de diversos prêmios. Considerado um dos melhores livros do ano pela Revista Crescer, ganhador do selo Cátedra 10 na categoria distinção, da Cátedra Unesco de leitura PUC-Rio, vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Livro Infantil, foi escrita pelo autor que nasceu na comunidade do Alemão do Rio de Janeiro. A narrativa relata a favela como cenário e as pessoas que vivem ali, em seu ambiente periférico como os personagens principais. O autor descreve aquilo que se pode ver da janela de uma das casas da periferia: suas cores, gestos, animais, pessoas e objetos do cotidiano, mas que em muitos momentos, acabam passando despercebidos.

Por tratar-se de um livro ilustrado, o texto e imagens proporcionam momentos de dialogicidade com a obra e oportuniza-se uma educação humanizadora no ambiente escolar.

Figura 01 - Capa e quarta capa do livro *Da Minha Janela*.



Fonte: Júnior, Otávio (2019)



Os leitores criam e partilham uma conversa interior com o autor enquanto leem, havendo uma interação na qual o leitor se envolve e dialoga com o autor por meio da leitura. (GIROTTO e SOUZA, 2010). No primeiro momento, ao olhar a capa e quarta capa do livro, o leitor ainda não sabe do que se trata a narrativa. Na capa, a imagem de um garoto negro olha pela janela para o lado direito, enquanto escreve algo em folhas avulsas, em seu entorno casas, plantas e roupas em varais dão pistas do que pode trazer a narrativa; assim como na quarta capa, em que uma grande árvore preenche quase metade da página e a continuação das casas formando o cenário inicial. Quem é o garoto? Para onde ele está olhando? Que lugar é esse? O que ele está escrevendo?

Perguntas iniciais como essas é que o professor, instigando seus alunos à reflexão, possibilita o diálogo entre a narrativa e seu leitor, levando-o a fazer conexões daquilo que tem em mãos com o que já é de seu conhecimento. Ao ter em suas mãos os livros, não quer dizer que o aluno tornou-se leitor. Não é somente ofertar livros às crianças, sem ajudá-las a desvendar as diversas camadas da leitura. Assim, quando o professor é, também, um leitor, cria laços e confiança perante seus alunos, além de uma referência, ele permite as diversas trocas no ato genuíno de ler e os mais diversos diálogos entre leitor-texto e outros leitores, em uma formação humanizadora e emancipadora.

Por outro lado, para que isso aconteça, a leitura não deve ser realizada apenas superficialmente e apressada. A valorização de todos os elementos que compõem o livro, desde a capa, o miolo, até a quarta capa serão essenciais para uma compreensão mais afinada daquilo que o leitor tem em mãos. A observação

aos temas, formatos, gêneros, autoria, ilustrações, materialidades; toda a organização dos elementos que fazem parte da obra para a sua literariedade.

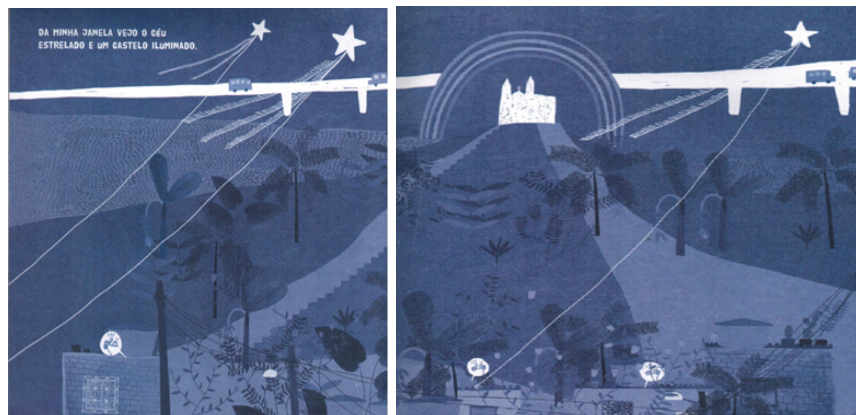
Durante a leitura, fazemos conexões entre os livros e fatos da vida cotidiana e, assim, ao lermos uma história, conectamos temas, personagens e problemas de um livro com outro.

Quando o professor começa a ensinar seus alunos a fazer conexões com o livro que estão lendo, frequentemente, partilha um de ficção ou de memórias porque esses gêneros, mais próximos das experiências dos leitores, requerem, durante a leitura, intensa atividade de imaginação e formulação de ideias. [...] (GIROTTTO e SOUZA, 2010, p. 68).

Existem três tipos de conexões possíveis – (1) texto para texto, em que o leitor estabelece relações com outro texto do mesmo gênero ou de gênero diferente; (2) texto para o leitor quando, durante a leitura, ele estabelece conexões com episódios de sua própria vida. E conexão (3) texto-mundo, quando são estabelecidas entre o texto lido e algum acontecimento mais global.

Para uma melhor fixação dessas conexões, enquanto os alunos partilham e escrevem suas conexões, o professor pode utilizar um cartaz e, dessa forma, “o professor continua a explorar a noção de conectar a história com a vida dos alunos” (GIROTTTO e SOUZA, 2010, p. 69). Para aqueles leitores que moram em comunidades periféricas, as conexões serão mais concretas, diferentemente daqueles que somente têm conhecimento pelas mídias ou imagens.

Figura 02 - Páginas 6-7 do livro Da Minha Janela.



Fonte: Júnior, Otávio (2019)

No início da história, o leitor é situado na narrativa que remete ao título do livro “Da minha janela vejo o céu...” (p. 6). Nesse momento, os enunciados escritos e imagéticos dialogam entre si, dando pistas ao leitor do que se trata o texto. Na perspectiva texto-contexto, autor e ilustrador encontram nas narrativas um diálogo contextualizado pelas experiências e vivências do autor que mora na comunidade retratada pela ilustradora. Na leitura, não há uma direção a ser seguida pelo olhar do leitor, e sim uma contemplação de baixo para cima, cima para baixo, o tempo e o espaço. Adentramos na noite – a igreja da Penha vira um lindo castelo pelo olhar do personagem, enquanto as pessoas conversam, iniciando a narrativa.

Figura 03 - Páginas 8-9 do livro Da Minha Janela.



Fonte: Júnior, Otávio (2019).

Seguindo a leitura, cores em tons vermelhos, verde, rosa, laranja e amarelo preenchem as páginas 8-9. A imagem está em movimento e isso é percebido por meio das aves que voam pelo céu, dos animais em cima dos telhados, do leve balançar das folhas das árvores e das falas dos personagens. Autor e ilustrador retratam a vivência da comunidade da periferia; escadarias, morro, casas, a arte e o movimento constante das pessoas. O contexto histórico social predomina as páginas; e o colorido das ilustrações remete à festa, amorosidade, alegria e esperança das pessoas da comunidade.

Segundo o autor, “a intenção do livro era ter muitas comunidades em uma só comunidade a partir das crianças e da visão das suas janelas”, os detalhes, o colorido trazem uma experiência literária, poética e, simultaneamente, curativa, por ressignificar. Segundo Kiusam de Oliveira:

[...] estética curativa e poética de um texto, cuja finalidade de resgatar a nobreza identitária das/os leitoras/es corrompida pelas ausências da maioria da população brasileira num livro de literatura infantil e juvenil (OLIVEIRA, 2022, p. 8).

Em seu livro *Com qual penteado eu vou?* Kiusan, ao demonstrar diversos penteados nos cabelos crespos usados pelas personagens-crianças da história, preserva a identidade por meio das virtudes que cada uma presenteia o bisavô em seu aniversário de cem anos. Propor a leitura desses livros, além de desvendar as diversas camadas existentes nas obras, é permitir a preservação da ancestralidade de cada leitor, explorando a importância da identidade do indivíduo e sua cultura.

Figura 04 - Páginas 12-13 do livro *Da Minha Janela*.



Fonte: Júnior, Otávio (2019)

Nas páginas 12-13, percebemos as atividades diárias de seus moradores, com destaque para os dias de muito calor enquanto se refrescam e divertem-se ao mesmo tempo. Com um olhar mais aguçado, o leitor percorre as entrelinhas da obra, realizando as inferências. “Fazemos inferência em nosso cotidiano mais do que imaginamos, como por exemplo, sobre expressões faciais, linguagem corporal e tom de voz, assim como sobre informações visuais e “não visuais” de um texto.” (GIROTO e SOUZA, 2010, p. 75). A predominância das ilustrações proporcionam ao leitor um olhar atento a cada detalhe presente nas imagens, em suas diversas camadas. Os escritores não expressam todos os pensamentos nas páginas, mostram, paulatinamente, uma ideia por vez até que o leitor consiga uma inferência apropriada sobre o tema do texto que tem em mãos ou uma dedução sobre o que está por vir, dessa forma, inferir está relacionado a ler as entrelinhas. (GIROTO e SOUZA, 2010).

Figura 05 - Páginas 14-15 do livro Da Minha Janela.



Fonte: Júnior, Otávio (2019)

Os tons roxos e pretos voltam a preencher as páginas 14-15. Destacamos o rosto de Malala Yousafzai - ativista paquistanesa, conhecida pela defesa dos direitos humanos das mulheres e do acesso à educação na sua região natal do vale do Swat na província de Khyber Pakhtunkhwa, no nordeste do Paquistão, onde talibãs locais impedem as jovens de frequentar a escola - desenhada em um muro e dialogando com o enunciado verbal. A educação é transformadora e necessária para uma sociedade mais justa e igualitária apesar dos “caminhos escuros” (p.15). O leitor, que vive em comunidades iguais à retratada pelo autor, fará conexões daquilo que lê com o que presencia diariamente, bem diferente daquele que não tem essa vivência, mas conseguirá visualizar:

Quando os leitores visualizam, estão elaborando significados ao criar imagens mentais, isso porque criam cenários e figuras em suas mentes enquanto leem, fazendo com que eleve o nível de interesse e, assim, a atenção seja mantida (GIROTTO e SOUZA, 2010, p. 85).

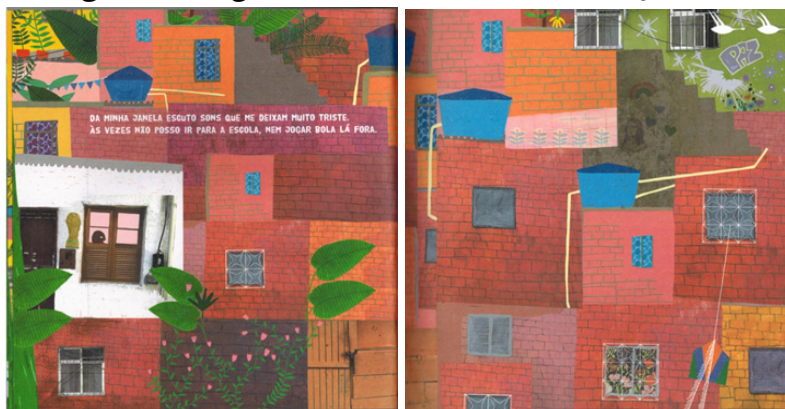
Ao ensinar a visualização como uma das estratégias de leitura, é permitido ao leitor a possibilidade de criação de imagens mentais, por vezes pessoais, tornando a experiência de leitura mais prazerosa e elevando o seu engajamento na prática literária.



Utilizar essa estratégia em livros ilustrados pode até parecer redundante, já que visualizar aquilo que já está ilustrado parece desnecessário. Mas, quando assim o fazemos, sons, cheiros, texturas e até mesmo seus leitores são transportados para dentro do livro, envolvendo-se por completo com a leitura. Nesse contexto, o leitor é convidado a acompanhar o nosso personagem do livro para adentrar a comunidade retratada no *Da minha janela*, e assim “o leitor aprendiz pode utilizar as dicas reveladas nas ilustrações e as combinar com as imagens ausentes, criadas em sua mente para produzir significados”. (GIROTO e SOUZA, 2010, p. 88). A utilização de uma folha de apoio para o uso dessa estratégia torna-se um bom recurso a ser praticado pelas crianças. Entretanto, pode-se, também, ficar apenas no diálogo.

As imagens daquilo que acontece na comunidade pelo olhar do personagem em sua janela percorrem a narrativa, e as páginas 20 a 23 são preenchidas com brincadeiras das crianças, como “telefone sem fio”, tocar violão, cantar, entre outras - imaginação e brincadeiras se misturam.

Figura 6 - Páginas 24-25 do livro *Da Minha Janela*.



Fonte: Júnior, Otávio (2019)

Mas essas brincadeiras e alegrias são quebradas nas páginas seguintes. Sem qualquer pessoa na rua ou conversa, a violência é retratada pelo enunciado verbal, “da minha janela escuto sons que me deixam muito triste” (p. 24), mas a esperança de mudança para dias melhores reacende quando no canto superior da página direita a palavra PAZ ganha destaque, enquanto aves brancas - símbolo da paz - sobrevoam por cima da palavra. A narrativa continua, assim como o cotidiano das pessoas que vivem nessa comunidade: meninos jogando futebol, o dia nascendo, pessoas arrumando suas casas, após dia de chuva, trabalhando e indo em busca de seus objetivos, crianças indo para a escola, a vida em movimento.

Figura 7 - Páginas 40-41 do livro *Da Minha Janela*.



Fonte: Júnior, Otávio (2019)

A narrativa se fecha voltando à frase inicial do livro *Da minha janela*. Nesse momento, identificamos a presença do mesmo enunciado verbal da página 6. No entanto, as páginas 40-41 nos trazem a cena ampliada de todos os pontos de vista do personagem, formando um grande diálogo com toda a narrativa e revelando o lugar que o personagem vê, “Vejo minha favela.” (p. 41): coloridos, pessoas conversando, crianças brincando, a vida.

Ao virar a última página, a leitura não chegou ao fim. Perguntas, respostas, trocas outras, diálogos foram construídos durante todo o seu percurso como leitor, que será capaz de determinar a importância e a essência daquele texto, realizando,



assim, a sumarização. Certamente, se o leitor se identificar com a história, será para ele marcante, assim como pode ocorrer o contrário.

No decorrer da leitura, as mais diversas imagens percorrem nossos pensamentos, adicionando novas informações ao que já sabemos, construindo significados, reconfigurando o próprio texto, conseguimos perceber que os leitores, ao terminarem a leitura e tendo conhecimento das estratégias de leitura, podem resumir a história ao recontá-la, localizando as informações mais importantes e mantendo-as em mente para também com suas próprias palavras dizerem suas opiniões sobre a narrativa, fazendo novas perguntas e respondendo outras, na busca de sentidos nas mais diversas trocas.

Diante dessas questões, alguns caminhos são pensados para a recepção do livro de literatura, mas ressaltamos que nada se esgota, é necessário total envolvimento dos professores e crianças para a formação de leitores autônomos e críticos: (1) professores também são leitores, sendo assim, precisa conhecer aquilo que será ofertado, abrindo espaço para os mais diversos diálogos; (2) observar as rodas de leitura mediadas e nos momentos em que as crianças apreciam os livros e dos saberes que nascem pela apropriação pessoal e coletiva. (3) permitir a exploração das mais diversas materialidades do livro; (4) apresentar autor e ilustrador. O leitor precisa saber que cada obra possui sua autoria – isso ajuda que os leitores eduquem o olhar para outros trabalhos desses autores; (5) permitir que a criança tenha o contato físico com o livro. Cada criança possui seu ritmo de leitura. Tocar, cheirar, sentir a textura, as dobras, perceber se há relevo, os barulhos das páginas, é também permitir a coautoria do leitor diante da obra; (6) o professor não pode impor aquilo que ele acredita ser somente o certo durante sua

leitura, o ato de dizer da criança também deve ser ouvido e respeitado para os mais diversos diálogos, e por fim, (7) permitir que todas as crianças tenham acesso ao livro é permitir as mais diversas trocas e sentidos.

5. Considerações finais

Sem pretendermos dar acabamento à discussão, percebemos que, conforme afirmado por Girotto e Souza (2010), a criança forma-se leitora ao construir seu saber sobre texto e leitura, e isso ocorre a depender das atividades que lhe são propostas e fornecidas pelo mediador durante o processo de planejar, organizar e implementar atividades de leitura literária.

Apenas disponibilizar às crianças materiais que possam ler sem qualquer sentido, para cumprir os currículos escolares, não permitirá a formação desses leitores, pelo contrário, teremos indivíduos que se distanciarão cada vez mais do ato de ler. Logo, o ensino das estratégias de leitura permitirá “ao leitor ampliar e modificar os processos mentais de conhecimento, bem como compreender um texto.” (GIROTTTO e SOUZA, 2010, p.108).

Fazer uma reflexão das estratégias de leitura com maior aprofundamento torna-se necessário, assim como foi possível utilizar a obra do escritor Otávio Júnior. Dessa forma, ao conhecer e dominar as estratégias de leitura em questão, o leitor poderá desvendar as mais diversas camadas existentes na obra, dialogando com o autor, conforme afirmado por Bakhtin (2011, p. 316), “ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito (“Du”).”

Assim, ao terminarmos nossas reflexões, consideramos que pensar em escolas de infância que valorizem as estratégias de leitura como potencializadoras



na formação de leitores, é formar leitores que dialogam com os textos, e não apenas aqueles que procuram formular respostas que os professores julgam corretas.

Os livros, em especial os de literatura como objetos culturais, são essenciais para a contribuição, formação e desenvolvimento desses leitores autônomos e críticos. Ao compreenderem suas leituras, o leitor terá maior engajamento com os livros, tornando-se autônomos, pelos diálogos e trocas outras a fim de que cheguem à produção e estabelecimento de sentidos.

Referências bibliográficas

ARENA, Dagoberto Buim. *A Literatura Infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita*. In: SOUZA, R.J. de. (Org.) [et al]. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2010, pp. 13-44.

BAJARD, Ellie. *Eles leem, mas não compreendem – Onde está o equivoco?* São Paulo: Cortez Editora, 2021.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3.^a ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CUTI, Luis Silva. *Literatura Negro Brasileira: São Paulo/Selo Negro*, 2010 (coleção-consciência em debate/Coordenado por Vera Lucia Benedito).

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura Infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2016.

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizellin Simões. SOUZA, Renata Junqueira de. *Estratégias de Leitura: Para ensinar alunos a compreender o que leem*. In: SOUZA, R. J. de. (Org.) [et al]. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2010, pp. 45-114.

JAKUBINSKI, Lev. *Sobre a fala dialogal*. São Paulo: Parábola, 2015.

JÚNIOR, Otávio. *Da minha Janela*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

OLIVEIRA, Kiusam de. *Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2022.

OLIVEIRA, Kiusam de. *Com qual penteado eu vou*. São Paulo: Melhoramentos, 2021.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Leitura, um diálogo subjetivo*. In: *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008.

ZILBERMAN, Regina. "A Literatura Infantil e o Leitor". IN: ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo, Ática, 1987, p. 78.

Recebido em 26/03/2023

Aceito em 06/06/2023